

XXV Encontro Europeu de Universitários

TEMA:

“Portugal e a Europa: para além da manteiga, do leite, da carne, do vinho, dos cereais, dos têxteis, das pescas, dos transportes, do iva, do aço”

TRABALHO ELABORADO POR:

- Carlos Pinto de Abreu
- Pedro Figueira Verdelho

CENTRO DE CULTURA EUROPEIA

SER EUROPA

“A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde afastado.
A mão sustenta, em que apoia o rosto.

Fita com olhar esfíngico e fatal.
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.”

Fernando Pessoa, *Mensagem*

EUROPA – O mais pequeno dos cinco continentes do mundo, com 10 milhões de km² e 560 milhões de habitantes. Dela faz parte Portugal [...]

Acreditar ou não acreditar? Eis a questão.

Mesmo aqueles para quem a Europa é um valor com projecção no futuro, valor a salvaguardar ou a construir, não conseguem pôr-se de acordo quanto à sua natureza. “Enquanto certo grupo, o dos *objectivistas*, procura um *corpo* para a Europa, os *subjectivistas*, por seu turno, buscam-lhe uma *alma*. E neste afã de descoberta, bem pode acontecer que, como *novos Faustos*, para obterem um *corpo*, os primeiros negoceiam a alma, ou um drama inverso, que os segundos, preocupados em salvar a *alma*, deixem morrer o corpo.” (1)

Estas palavras servem-nos de ponto de partida.

Alcandorar a dimensão cultural ao lugar a que tem direito sempre que se analisam questões de “história” contemporânea é o nosso primeiro propósito.

Como segundo objectivo, elegemos a delimitação, pela análise dos caracteres fundamentais e dos caracteres distintivos, do conceito de Europa.

Julgamos ainda conveniente auscultar as mentalidades portuguesas para saber como se desenhou ou viveu entre nós a consciência da Europa, ou a ideia da mesma, ao longo dos séculos, e, assim, em que termos essa linha ideológica poderá ser, hoje, vantajosamente utilizada sem negação da nossa personalidade histórica. A ideia de *Europa*, superando a de *Nação*, não se apresenta incompatível com ela.

(1) Martim de Albuquerque, op. cit., p. 258.

A Europa é o constituinte cultural por excelência. Da cultura que não é simples repetição de usos e de costumes, mas criação, transformação e vivência de ideias, de estilos, de formas e de ritos, com conteúdos próprios e distintos em que a unidade na diversidade deve pontuar. Da cultura que não é apenas conservação de um alto património histórico adquirido mas, igualmente, vontade intensa e esclarecida de invenção e de renovação.

Delimitar rigorosamente esta cultura no espaço e no tempo é muito difícil. Esqueçamos por agora o espaço (dele nos ocuparemos adiante) e afirmemos, desde já, a nossa perspectiva de abordagem actualista: tudo quanto dissermos tem um sentido filosófico e ideológico. Mesmo quando citemos factos ou marcos históricos, estes não valem para a nossa exposição enquanto tal, mas relevam para a construção da herança cultural do Velho Continente.

À busca de uma ordem, de um espaço de organização pela génese de ideias, de formas, de estilos e de instituições (fase da gestação ou período arcaico), sucede-se um momento de grandeza, caracterizado pelo equilíbrio, pela proporção dos elementos anteriormente gerados (fase da consolidação ou período clássico). Finalmente, ou mais proximamente, assiste-se a uma certa dispersão de alguns desses mesmos elementos, à desnaturalização acentuada dos subsistentes (fase da decadência). O que se propõe agora é uma síntese que valha para o presente.

A Europa é uma realidade geográfica. Uma realidade histórica. Uma realidade psicológica. Realidade política. Realidade religiosa. Económica. Jurídica.

“Sobre a Europa – o que foi (se chegou a ser), o que seja (se é), o que será (se for) – muito se tem escrito e largamente discutido. [...] A querela, como a clássica e escolástica questão do sexo dos anjos, que perdeu Bizâncio, ameaça eternizar-se.” (1)

(1) Martim de Albuquerque, idem, p. 252.

Em nenhuma outra parte do mundo, como diz A. Weber, deparamos com outro corpo histórico que tenha produzido expressões culturais tão plurifacetadas, tão agudamente delimitadas na sua fisionomia, tão incomensuráveis, tão grandiosas.

Republica Christiana?

Não. Pois eis que se levanta a voz de Maquiavel. Surge a atitude laica e o espírito nacional.

Unidade (v. g. argumento de autoridade) do pensar europeu?

Não. Ampliam-se, graças aos humanistas, «os continentes da inteligência»; questiona-se graças ao Renascimento, o dogma; duvida-se do próprio Deus!

O nascer do sol é deslumbrante! A criatividade impera, toda a espécie de conhecimentos se expande desordenadamente, predomina a retórica, impera o símbolo.

O espírito europeu radica na conjunção e simbiose de três premissas maiores: o Helenismo, o Romanismo e o Cristianismo.

Aqui vão buscar, os europeus de hoje, os géneros literários e as suas leis; a sensibilidade artística, à medida do Homem e para o Homem; a filosofia e a sua problemática, em boa parte interpretação cristã renovada e aprofundada das interrogações helénicas; a objectividade científica, baseada nos métodos experimentais dedutivos e indutivos; a teologia.

Chegam estes topoi?

Não. Verdadeiramente definidoras do espírito europeu são a «vontade de consciência» e a «vontade de descoberta» (Malraux).

SER-SE EUROPEU

Deixamos já esclarecida atrás, a nossa perspectiva actualista da realidade cultural europeia. É pois nossa tese que hoje a Europa tem um substracto espiritual (entenda-se cultural) comum e definidor, que ultrapassa a mera enunciação e evocação passadística.

Nesse sentido, procurámos apoio junto de grandes nomes do pensamento do nosso continente, deixando de seguida os respectivos testemunhos.

JACQUES LE GOFF (1): *a riqueza da diversidade.*

É um convicto europeísta, defendendo a existência de uma Europa unida por raízes comuns. Não obstante, reconhece as variações regionais, em sua opinião decorrência dos nacionalismos, sobretudo aqueles exacerbados durante o século passado. Por esse então, a Europa orientava-se mais para a divisão. O mesmo não acontece hoje, em que cultura é vista como uma via de união a caminho da nossa originalidade rica, diversa e profunda. A actualidade destas questões é inerente aos grandes progressos de integração noutros domínios. Uma Europa sem alma não pode existir, nem o poderia sê-lo nunca. E é a cultura que lhe dá, como sempre lhe deu, essa alma. Não se está a falar de um ideal eclético e abrangente. Pelo contrário, o pluralismo da cultura europeia, recordando aquilo que foi, e consciente daquilo que é, pode oferecer à Europa a unidade, fundada na riqueza da diversidade e nas pontes que são necessárias para juntar ilhas de pensamento e de acção.

JURGEN HABERMAS (2): *muitas vozes num só sentido.*

Também acredita nas diversidades que unem, sem haver regente algum desta orquestra das nações, que interpreta variantes de temas sempre idênticos. O espírito cultural dos europeus tem traços comuns, como o infatigável sentido crítico, a tendência para rever continuamente os critérios de bem e de mal, o modo singular de enfrentar os aspectos mais surrealistas da vida quotidiana, ou, por último, a mistura explosiva de moralismo e esteticismo, de ética e de hedonismo.

(1) Historiador mediaval. Professor da *Ecole des Hautes Etudes et Sciences Sociales* de Paris.

(2) Filósofo. Professor de Direito na Universidade de Francoforte.

MILAN KUNDERA (1): *a fractura*

É certo que os europeus ocidentais discutem a sua unidade cultural. Mas, que é a Europa para um húngaro, para um checo, ou para um polaco? Historicamente estes países pertencem aquela parte da Europa radicada na matriz cristã romana (usando por exemplo o alfabeto latino), por oposição aquela outra de matriz bizantina e ortodoxa (usando pelo contrário o alfabeto cirílico).

Porém, após 1945, estes países sempre considerados ocidentais, numa manhã acordaram como países do leste. Isto deu origem para uma tríplice situação: a Europa ocidental, a Europa oriental e, situação mais complicada, aquela parte da Europa situada geograficamente ao centro, culturalmente no ocidente e politicamente no oriente.

A identidade de um povo reflecte-se e resume-se no conjunto de criações do espírito a que chamamos *cultura*. Se esta identidade é ameaçada, por exemplo pela imposição de outra, a vida cultural intensifica-se, tornando-se um valor vivo em torno do qual se unem as diferentes vontades.

CESZEK KOLAKOWSKI (2): um espaço espiritual.

A realidade europeia é um espaço espiritual cujas fronteiras são difíceis de fixar. E todavia existe. E existem. A Europa. E as fronteiras. Nas nossas cidades, nas nossas bibliotecas, nas nossas galerias de arte, nas nossas igrejas, nos nossos cemitérios.

No entanto, esta Europa, mutilada, está dividida, prisioneira por trás de uma cortina de ferro. Mas a alma europeia não está morta; a afirmação dos seus valores é antídoto contra a *barbárie*.

NORBERTO BOBBIO (3): *para além da ideologia*.

Não haverá muitas razões de esperança se os europeus não acreditarem profundamente nas virtualidades da democracia europeia, se não tiverem fé na sua posição de terceira força, como mediadora, como árbitro.

Ultrapassando filosofias e ideologias (o eurocentrismo, o colonialismo, o nazismo...) a Europa deve assumir-se como ponte entre culturas.

(1) Escritor Checo. Autor de *A insustentável leveza do ser*.

(2) Filósofo polaco.

(3) Filósofo e jurista.

EDGAR MORIN (1): *reinventar o destino*.

No plano geográfico, a ideia da Europa pode ter interpretações alargadas, por exemplo, se se considerar que o Atlântico é um mero facto geográfico, e que, em consequência, a América é parte da Europa cultural. Este próprio plano cultural é de difícil definição, não só pelas mesclas de heranças culturais (grega, romana, cristã, judaica), como pelos conflitos acesos e permanentes entre elas.

É pois difícil, através da história, definir cartesianamente a Europa.

Hoje, a época das guerras civis está fechada. O inimigo já não é o vizinho, nem há mais inimigos tradicionais. A ameaça é global, constituindo perigos particulares a existência das superpotências, o grande império do oriente, as tentativas de homogeneização cultural, o aniquilamento dos valores civilizacionais.

Há um desejo de unidade.

A Europa de hoje tornou-se numa comunidade de destino que não vem tanto do nosso passado, como se viu, mas sim do nosso presente e, muito seguramente, do nosso futuro. É neste contexto que se vive a necessidade de reinventar a Europa, não de um modo artificial, como Estaline (que reescreveu a história, abolindo páginas), mas, pelo contrário, tomando consciência de quanto a divisão da Europa é pilar da sua riqueza cultural. Faz-se pois a profissão de fé numa comunidade de espírito, cujo motor é a esperança.

Porém à imagem do sebastianismo, carecemos de um mito profundo e criador que, à semelhança da agulha magnética da bússola, oriente a *caravela na tormenta*.

(1) Sociólogo e ensaísta

SER-SE PORTUGUÊS NA EUROPA

“Fonte velha – [...] um grande cortesão de nossos tempos provava galantemente por afirmativas universais, que a melhor parte do mundo eram as casas de seu pai.

Fonte nova - E como sabia ele isso, se o mundo é tão grande?

Fonte velha – Dizia assim: «a melhor parte do mundo é Europa; a melhor parte da Europa, Espanha; a melhor parte de Espanha, Portugal; a melhor parte de Portugal, Lisboa; a melhor parte de Lisboa, Rossio; a melhor parte do Rossio, as casas do meu pai que estão no meio e vêem os touros da banda da sombra».

Apolo – Ou pouco viu ou amava muito esse português”

D. Francisco Manuel de Melo, *A visita das fontes*

“É essencial a interrogação sobre quem somos, nós, que ora dilatamos surpreendentemente, para lá toda a medida lógica, o nosso espaço de destino, de missão e de sonho, ora descemos tão baixo, que chegamos a perder a independência política e, mais tarde, a alienar-nos progressivamente da dignidade social, da liberdade de pensamento e, logo, da hombridade nacional e da autonomia cultural, passando a suportar uma existência constantemente crítica e a desbaratar, sem honra ou proveito, a herança de grandeza humana deixada pelos nossos maiores.”(1)

Perante o *mare magnum* de dúvidas, a multidão de angústias que o problema da Europa suscita ao português, reveste-se agora de toda a oportunidade a referência, que vamos reconduzir a três teses, a alguns pensamentos individualizados.

Uma tese, a primeira, a da negação da realidade europeia actual (que encerra uma ténue esperança no 6.º império – Agostinho da Silva) em todas as suas dimensões.

Contesta-se a unidade geográfica com a mobilidade dos seus limites (“... a Rússia tornou-se asiática, mesmo mais que asiática, ela é Anti-Europa”- Gonzague de Reynold).

Negam-na como realidade histórica demonstrando a oposição entre o génio helénico e o génio romano (o primeiro, representativo da disciplina unificadora; o segundo, de uma força criadora exuberante).

Acerca da Europa realidade psicológica, anotam-se as distintas maneiras de estar no mundo (v. g. a divergência entre a *forma mentis* do francês «racionalista», e a do anglo-saxão «empirista»).

Objecta-se à Europa realidade política que se era possível aceitá-la no passado, cessou de existir todavia, pois o Velho Continente tornou-se campo de batalha entre duas formas de democracia diametralmente apostas (política dos blocos) correspondentes a concepções absolutamente inconciliáveis, de Estado, de Sociedade, do Homem.

Invoca-se ainda a Reforma que pôs termo à Cristandade Católica.

(1) António Quadros, Introdução à teoria da identidade portuguesa, Lisboa, 1988, p.30.

A segunda tese, mais radical que a anterior, sobretudo mais pessimista, é daqueles que aceitam a Europa como um passado, para a negarem como um futuro. “A Europa, por isso, é desde há muito um conceito abstracto, longínquo e sem eficácia, com pouco a ver connosco, de modo que, hoje em dia, ao fazer-se bandeira da Europa, falou-se sintomaticamente sempre, da *adesão à Europa*, como se de coisa estranha se trata-se.” (1)

Estas são contudo teses sobre as quais não nos debruçaremos mais.

Na terceira tese englobamos todos aqueles de que daremos alguns exemplos em seguida; todos aqueles que, dizíamos, acreditam num substracto civilizacional comum e que se distinguem, fundamentalmente, pelo esforço na “arquitectura” do que é ser nacional e pela metodologia de “construção no terreno” e relançamento de Portugal num novo espaço.

Decorre do exposto, que só paralelamente (e daí a sua abordagem em adenda) surge a problemática das Comunidades.

Após estas generalidades é tempo de nos questionarmos.

Em que medida Portugal reflectiu ou participou em todo este processo formativo da ideia ou consciência de Europa?

O *Lusíada-Maior* concebeu a Europa resultante de uma convergência: na base, na raiz, está a cultura greco-romana (estrofe 72 do canto II de *Os Lusíadas*); por tronco, a ideia de *Respublica Christiana*. A mente camoniana configura esta realidade no campo dos valores. (v. escritos de Oliveira Martins, de Martim de Albuquerque, de Mário de Albuquerque e de José Augusto Seabra).

A consciência europeia dos nossos humanistas não se enxertou no fomentar de rebeldias contra a civilização. Não resulta, por contraste, daquela atitude mental, provocada pelos novos mundos e raças exóticas. Se não caímos no exagero dos que negavam a humanidade das novas raças, também não nos deixamos resvalar no extremo oposto de as considerar um ideal a atingir, (v. Livros de Rousseau, de Sérgio Buarque de Holanda, de Afonso Lopes Vieira, de João de Barros, de Pedro Magalhães de Gândavo).

(1) António Marques Bessa, *As dormentes matrizes*, Lisboa 1988, p. 53.

Se em Portugal os descobrimentos não produziram uma linha insurrecional e anti europeia, nem por isso, todavia, deixaram de contribuir para formar a nossa consciência continental, através do contraste com as raças exóticas. (v. textos do Pe. Jesuita Luís de Fróis).

Mas mais do que formar a consciência continental do português, os descobrimentos (abertura de novos mundos ao mundo), foram o vector privilegiado do desabrochar adulto da verdadeira unidade (cultural) na Europa – “...melhor das quatro partes do mundo”. (v. escritos de António Sousa de Macedo, de Francisco Manuel de Melo, de José Homem Corrêa-Telles e de Almeida Garrett).

Do prisma da hegemonia cultural da Europa, ganha relevo (europocentrismo) a elevação do nosso continente a Civilização. (v. passagens de Antero de Quental, de António Salgado Júnior e de José Augusto França).

Foram ainda portugueses quem mais fortemente reagiram à crise da Europa (século XIX), à ideia de decadência. (v., por todos as posições da geração de 70 e os ensaios de Eça de Queirós).

Após a *tormenta* a Europa alcança, em definitivo, significação e conteúdo autónomos. Passa a valer por si sem ter de continuar a relativizar-se.

O ciclo virtuoso estava terminado. A síntese global completara-se. (v. obra de Luís Caetano de Campos e Faustino José da Madre de Deus).

Sonha-se já com os possíveis *Estados Unidos da Europa* (Magalhães de Lima).

Mas foi à geração modernista que coube a luta pela ideia de Europa e pela integração ou defesa ideológica da pertença portuguesa nesse espaço (citam-se os nomes de Fernando Pessoa, de Afonso Duarte e de Adolfo Casais Monteiro).

Finalmente, foi Almada Negreiros quem manifestou uma particular *consciência nacional – europeia – universal* pela articulação do humano no universal que passa precisamente pela unidade nacional e pela unidade europeia.

Almada situa, pois, o seu campo de visão da Europa na «expansão espiritual» dos continentes. Europa é desejo do conhecimento.

Nesta concepção radica a ideia de *euromundo* como espaço cultural europeu (tema este que gostaríamos de ver tratado, tanto mais que o achamos fulcral no nosso processo de adesão à comunidades; mas também, como já aqui foi dito, não é este o nosso último propósito).

“O europeu (como entidade abstracta e colectiva) participa da ânsia de conhecimento de Prometeu e nutre-a indefinidamente pela crença. Na ideia de Europa se reúne o *fiel* de elementos opostos – um racional, outro irracional – e nessa conjugação aliada de contrários, se clarifica o *enigma* da Europa.”(1)

Da mais embrionária e linear concepção (mitológico-físico-geográfico-material) à última perspectiva aqui por nós abordada (de tipo abstracto e espiritualista), um longo percurso foi já percorrido.

Mais longo, contudo, é aquele que falta trilhar.

(1) Martim de Albuquerque, op. Cit., p.304

ADENDA
AS COMUNIDADES EUROPEIAS E A CULTURA

Não podíamos deixar de completar a ideia subjacente a esta curta reflexão sem uma referência às Comunidades e à sua política cultural.

Porquê fazê-lo em adenda?

Em primeiro lugar, muito simplesmente, a Europa não se esgota nas Comunidades.

Em segundo lugar (reverso da medalha), as Comunidades não encerram, na sua incompletude, uma vocação global: aos nossos olhos, por enquanto, são realidades fundamental e funcionalmente sectoriais e, por isso, incompletas.

Em terceiro, e do dito no que vai do presente estudo, não se justificaria, por metodologicamente incoerente, a abertura de um capítulo autónomo.

Em si, porém, a análise rápida da matéria justifica-se.

Assim, as Comunidades, embora tarde e timidamente, tomaram já nota da dimensão cultural da Europa (fundada na consciência colectiva dos seus cidadãos cujos ideais se sintetizam num conjunto de valores comuns).

A União Europeia, em construção, não pode ter por finalidade única objectivos económicos e sociais, por mais importantes que o sejam. Passa igualmente por novas formas de cooperação aglutinadas na pertença ao «sentir europeu», mediante a abertura da cultura aos cidadãos, no sentido de um enriquecimento, na diversidade e na particularidade, das culturas locais, regionais e nacionais.

O mundo da cultura não pode ficar à margem da construção do grande mercado interno europeu.

Reconhecendo esta necessidade, a Comissão delineou já uma política cultural, propondo: a livre circulação de bens e serviços culturais (regulamentação do regime das obras de arte do património, harmonização de regimes fiscais...); o aparecimento de uma indústria cultural sujeita a outra finalidade que não apenas a do lucro; o fomento do mecenato cultural; a definição de uma política de edição e tradução; o desenvolvimento do sector audiovisual (programa MEDIA, AECTV/88 – Ano Europeu do Cinema e da Televisão); a aposta no multilinguismo (de modo a conservar as línguas menos defendidas) e a preservação das culturas regionais.

Tudo isto é permanente, sem dúvida alguma, mas demonstra continuar a não existir uma política coerente e estruturada de acordo com um ideário pré-definido que resulte da profunda reflexão sobre as questões por nós abordadas no primeiro capítulo.

De qualquer modo, esta é uma análise que não cabe já na nossa abordagem e a qual deixamos em aberto.

ENGLISH SUMMARY

Europe: the smallest of the five continents of the world, with 10 million km² and 560 million inhabitants. Portugal is a part of it [...]

To believe or not to believe, that's the main question.

Even those, for whom Europe is a value which extends itself into the future, a value to safeguard or to build, cannot agree as to its nature.

Our main purpose is to heighten the cultural dimension to the place it is rightfully entitled to whenever issues of contemporary "history" are analyzed.

As a second purpose, we choose to outline the concept of Europe through the analysis of the fundamental and distinctive characters.

We think it still convenient to seek the portuguese mentalities, in order to know how european conscience or an idea at it emerged or was mantained amongst us, throughout the centuries, and thus, in what terms that ideological line could be nowadays beneficiously used without a denial of our historical personality.

The idea of Europe, overpowering the one of Nation, is not incompatible with the latter.

Bibliografia

*ALBUQUERQUE, Martim de.

A consciência Nacional Portuguesa. Lisboa, ed. do autor, 1974.

*ALBUQUERQUE, Martim de.

Primeiro Ensaio sobre a História da «Ideia da Europa» no pensamento português.

Lisboa, INCM, 1980

*AMEAL, João.

História da Europa, vols. 1 a 4. Lisboa, Verbo, 1982, 1983, 1984.

*AMEAL, João.

Europa e os seus fantasmas. Porto, Tavares Martins, 1945.

*ARGENTA, Celestino.

Costruttori d' Europa. Torino, Borla, 1965.

*BLOOM, Solomon F..

Europe : The western world in modern times. New York, Harcourt, 1961.

*CARVALHO, Elísio.

Europeus. Paris, Garnier, 1909.

*DESCHAMPS, Herbert.

Les européens. Paris, P. U. F., 1972

* HAZARD, Paul.

Crise da consciência europeia. Lisboa, Cosmos, 1948.

* LECERF, Jean.

Principios de la unidad europea. Las Palmas, Gallimard, 1965.

* LICHTHEIM, George.

Europe in the 20th century. London, Cardinal, 1974.

* LIMA, Magalhães.

Os Estados Unidos da Europa – versão portuguesa. Lisboa, in “Estudos de Cultura Portuguesa”, 1984

* LINET, Georges e MOURNIER, Roland.

História Geral da Europa, volumes 1, 2 e 3. Lisboa, Europa/América, s.d.

* REYNOLD, Gonzague de.

La formatation de Europa. Madrid, Pegaso, 1947.

* MAYNE, Richard.

Les européens. Paris, ed. Buchet/Chastel, 1972.

SAMPSON, Anthony.

Anatomia de uma nova Europa. Lisboa, Europa/América, 1971.

* WASHBURN, Wilcomb E..

The meaning of «discovery» in the 15th and 16th century. Boston, D.C. Heath & Company, 1967.

CONCLUSÃO

Criando um espaço comum de respeito pela vida, pela liberdade, pela segurança e pela justiça, a Democracia é o suporte essencial de uma partilha de um ideal cultural, que se vê concretizado e baseado em valores espirituais.

A Europa unida reencontra-se na História, una e diversificada, viva e multifacetada.

Passa da Ideia à História, ordenando-se em si própria e revelando-se ao mundo na sua riqueza e diversidade, mas também na sua matriz comum de respeito pela Dignidade Humana.

Assume a tarefa fundamental de “(...) maintenir et de développer les valeurs humaines - culturelles et spirituelles – qui correspondent à l’héritage de l’ Europe et qui seront la meilleure sauvegarde de son identité, de sa liberté et de son progrès.” (4)

O desafio da construção da Europa pertence-nos!

(4) discurso supra citado